

RELATÓRIO TCC

SINTERA: A construção dos sujeitos numa experiência de ocupação secundarista.

Fellipe Carvalho Mourão Farias

PANORAMA GERAL

Há quem diga que os temas de pesquisas – acadêmicas ou não – são reflexos das instigações próprias do pesquisador ou pesquisadora. No campo das humanidades essa característica de correlação se torna mais complexa no refletir das intencionalidades objetivas e subjetivas da pesquisa em si, por não se preocupar com a forma mais ágil de se extrair, em grande escala, o leite das vacas ou por não se atentar à elaboração de granadas menores e mais potentes, mas sim de estudar as pessoas/grupos enquanto universos que estão em constante fluxo de mudança no cosmo, organizados e socializados através de experiências educativas e culturais. Nesse sentido, as educações são como pontes nesse processo, de entendimento do outro, e a partir deste entender a si mesmo.

Conceitualmente as educações são classificadas em três principais vertentes: A **primeira** diz respeito às metodologias pedagógicas construídas pela lógica institucional, sob a gerência do Estado. Seja pelo viés da iniciativa pública, privada ou filantrópica a educação formal se dá, basicamente, através de escolas, universidades e instituições de educação profissional. A **segunda** é referente aos meios informais de educação, canalizadores de saberes e informações que, não exatamente necessitam seguir grades, currículos ou salas de aula. O fato é: a todo o momento estamos inseridos e inseridas em interativas relações de troca de conhecimentos e experiências de aprendizagens, numa perspectiva de reciprocidade – quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996). A homofobia é produto de uma educação. São meios de produção/re-produção da educação informal *fan pages* do *Facebook*, batalhas de *rap* da periferia dos grandes centros urbanos ou contação de lendas dos povos de terreiro, por exemplo. A **terceira** vertente é construída através dos tensos processos de luta popular. Movimentos sociais – partidárias ou não –

questionadores dos sistemas/modelos resultado das políticas de Estado. Essas movimentações coletivas na cena política e cultural trabalham com alternativas metodologias educativas e organizacionais que, de maneira conscientizadora, propõem novas visões de mundo às classes historicamente oprimidas, no sentido da necessidade de mudar a realidade social. A educação não formal também se encarrega de desestabilizar os métodos e conteúdos pedagógicos disseminados pela cultura eurocêntrica que marginaliza, desde a empreitada colonizatória, os grupos sociais tradicionais, populares.

Assim, partindo da última vertente educacional, esta pesquisa de término de curso – bacharelado – tenta compreender os diferentes resultados dos processos sócio pedagógicos construídos nos espaços de educação não formal, na perspectiva da memória e oralidade. E como escreveu Michael Pollak sobre a crítica aos métodos orais como representações das experiências sociais coletivas:

Agora, é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. (1992, p. 207)

Percebe-se um cenário de outras percepções sobre as novas possibilidades de questionar os moldes educacionais escolares ou não, sistemas de manutenção das classes. Rumos outros que ultrapassam as pedagogias produzidas *para*, e não *com*. Aceitar a cultura daquele ou daquela que está *do outro lado da linha* seria atribuir alguma natureza de reconhecimento e afirmação ao mesmo, porém o que se percebe é o ocultamento das massas. Nesse sentido um faro recorrente é a implementação de políticas públicas de *inclusão*, mais uma vez entendendo a cultura outra, fora dos padrões de dominação, sendo inferior e necessitada de mudança, ou assimilação à ideologia de dominação. Também não é por esse motivo, em que as cosmovisões são manipuladas pela cultura de dominação, que necessariamente se deve relativizar inteiramente a inclinação à cultura de dominação, por parte das pessoas resultadas dos processos de opressão/dominação noutros tempos históricos.

SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

A ideia de utilizar a linguagem do audiovisual como parte da pesquisa se estabeleceu através de uma conversa com uma colega, também concludente do BHU, Gerda Fernandes, santomense. Foi entendida essa possibilidade de se trabalhar com o cinema como fundamento para alguns questionamentos, no que diz respeito à crítica a supremacia de determinadas metodologias impostas pelos meios formais/institucionais de educação. Nada mais contraditório que tratar de canais outros de relação individual ou coletiva com os aprendizados, sem minimamente tentar se aproximar a alguma metodologia descentralizante, questionadora da ordem. Por isso o *Sintera*¹ carrega em si a crítica às produções acadêmicas reduzidas somente a textos, sob gerência de uma escrita científica, sistêmica. Como trabalha Maria Teresa Nidelcoff:

Nossa sociedade valoriza o trabalho intelectual – que os setores privilegiados reservam para si – e menospreza o trabalho manual, para o qual são relegados os extratos “inferiores”. A escola vai de encontro a esse esquema, na medida em que se identifica quase exclusivamente com um desses aspectos, o trabalho intelectual. Entretanto, além de muitas outras formas, valorizavam-se as profissões e ocupações típicas das camadas médias, por sobre o trabalho manual. (1978, pp. 36-37).

Ou seja, as linguagens outras na relação ensino/aprendizagem caracterizam as diferentes e não menos importantes formas de mediar conhecimentos, partindo do princípio da troca. Este Trabalho de Conclusão de Curso não tem a intenção inferiorizar os textos acadêmicos, no entanto, colocá-lo como uma das muitas possibilidades inerentes aos processos de apreensão, organização e utilização dos saberes. Assim, entendendo algumas vertentes artísticas não como meros complementos educacionais, e sim como processos de significativas possibilidades de produção dos saberes, sobretudo no viés de uma educação alternativa.

O documentário, como sugere o título – ao trazer a ideia de *inteirar-se* ou *conscientizar-se* a partir do neologismo – tenta de alguma forma aglutinar as principais experiências político-pedagógicas de estudantes, vividas num processo de ocupação secundarista – espaço político que caracteriza a perspectiva da *ação direta*, metodologia/estratégia de luta popular. Entretanto, partindo da oralidade como método foram filmadas falas de quatro estudantes da escola Liceu do Ceará, durante período de ocupação. Na vivência – atividade de campo que apresentou a pesquisa e a proposta do

¹ O título do documentário é um neologismo pertencente à cultura das populações periféricas. A expressão vem da ideia de se *inteirar*, enquanto resultado de um dado processo de apreensão de conhecimento.

documentário – pertence a um contexto histórico-temporal: filmado na Escola Estadual Liceu do Ceará (Fortaleza-CE) durante período de greve docente (estadual) e o massivo e pioneiro processo de ocupação secundarista.

Na tarde de vivência, dada apresentação do projeto, a proposta da realização do documentário foi lançada e aceita pelos ocupantes que, rapidamente decidiram entre si as pessoas que participariam do documentário – como realização da atividade da tarde no Ocupa Liceu. Foi apresentado um roteiro com o objetivo de provocar determinadas discussões ao elenco, tendo em vista a autonomia nas, por mais que essa liberdade pudesse resultar num direcionamento não trabalhado na pesquisa anteriormente, como proposição. Assim, através da experiência pessoal de cada um, em suas falas foram compartilhadas muitas experiências político-educacionais construídas e reafirmadas durante tal processo de educação não formal – que na qual se estabelece no âmbito dos movimentos sociais.

A montagem, realizada por mim e Erick Sousa – estudante de Antropologia e pesquisador no campo das artes visuais – aconteceu durante cinco meses de edição. Os blocos de fala constituem uma proposta de dinamicidade, dedicada em destacar as perspectivas *objetivas* do processo de ocupação, enquanto protesto ao sucateamento e precarização do ensino escolar público, e *subjetivas* por trabalhar reflexões que envolvem a construção dos sujeitos em suas práticas de autoafirmação e consciência crítica, desestabilizando os métodos pedagógicos hegemônicos, responsáveis pela criação de uma política de bipolaridade, que visa civilizar o “selvagem”, educar o “ignorante” e politizar o “apolítico”. Cada ocupante ali narra suas vivências e aprendizados, afirmando-se mais fortemente como sujeitos de direitos, construtores de suas próprias experiências de luta, resistência. Assim, todos os processos formativos e de-formativos que desconstroem os ideais hegemônicos sobre a mulher, comunidade LGBT, povos indígenas, povos quilombolas, maconheiros e maconheiras, entendendo-os como sujeitos de direitos, refletem na construção de novos e resistentes espaços de educação não formal, fortalecendo meios outros de transformação da realidade social.

Na elaboração dos blocos destacaram-se discussões que dão base à complexidade e responsabilidade características do processo artístico no campo do audiovisual, tendo em vista também a proposta em que a pesquisa em si se debruça. Como por exemplo, na montagem, mais especificamente na utilização de vídeos de apoio retirados da internet, sugere um debate sobre a importância das câmeras em protestos e na vida social, como um todo. Apropriar-se de métodos e técnicas

fotográficas e de filmagem capazes de denunciar casos de estupros, por exemplo, faz refletir a utilização dos recursos tecnológicos como ferramentas sociais.

A questão desse limite girou em torno da discussão sobre a reprodução ou não de cenas de uma repressão policial à alguns jovens negros na periferia de Fortaleza. A proposta de trazer essas imagens como denúncia poderia, contraditoriamente, reproduzir estereótipos. Até onde o audiovisual pode adentrar no sensível das pessoas? A reflexão em torno dessa tarefa de pensar a exposição de sujeitos numa situação de racismo institucional se une a ideia de compreensão sobre o poder das artes e suas possíveis interpretações, mesmo que exatamente não esteja em concordância a intencionalidade da obra.

Nesse sentido, estabeleceu-se o *Sintera*, com a proposta que vai para além das reflexões e possíveis compreensões em torno das questões que envolvem as pedagogias pensadas e propostas pelos indivíduos vítimas de processos de ocultamento, sobretudo no que se refere ao campo dos direitos. E mais à fundo, umas das intencionalidades do filme é fortalecer e cada vez mais incluir o papel da oralidade no âmbito das criações artísticas, assim como a produção áudio visual, na qual pode ser utilizada como material pedagógico e de registro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIDELCOFF, Maria Teresa. *Uma Escola para o povo*. 14.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e a arte nos movimentos sociais. In: _____. *Educação não formal no campo das artes*. São Paulo: Cortez, 2015. Cap. 1, p. 29-43.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ARROYO, Miguel G.. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*.. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 09 Fev. 2017.